

# O PROCESSO DE RECOMPOSIÇÃO E OS FORMATIVOS ECO- E HOMO- NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: COMPRESSÃO SEMÂNTICA E ANÁLISE ESTRUTURAL

Patricia Affonso de Oliveira<sup>1</sup>

Carlos Alexandre Gonçalves<sup>2</sup>

**RESUMO:** *Estudo dos elementos morfológicos eco- e homo- com base na ideia de continuum derivação-composição (KASTOVSKY, 2009). Proposta de que eco- e homo- formam novas palavras em português por meio da compressão dos significados dos compostos neoclássicos 'ecologia' e homossexual'.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Recomposição; Formação de palavras; Mudança semântica.*

## Palavras iniciais

Neste trabalho, temos por objeto de estudo o processo morfológico conhecido como recomposição e analisamos, mais especificamente, os elementos neoclássicos eco- e homo-. Os formativos eco- e homo- são oriundos do grego e significam, respectivamente, "casa, *habita*" e "semelhante, igual a" (CUNHA, 2010; HOUAISS, 2009). Em grego, 'eco-' era um substantivo masculino que funcionava como palavra e contribuía para a formação de compostos nessa língua (CUNHA, 2010). A base 'homo-', por sua vez, é vista como um elemento de composição, preso, portanto, que se documenta em compostos formados no próprio grego (CUNHA, 2010).

Em língua portuguesa, segundo o dicionário Houaiss (2009), eco- foi documentado no vernáculo desde o século XVI e ocorre a partir do século XIX em cultismos, entre os quais destaca 'ecoador', 'ecoar', 'ecoável', 'ecômetro', 'ecólico' – que têm como significados "ruído, som, eco". Já o formativo homo- ocorre em diversos compostos formados no próprio grego, como 'homologia' e 'homólogo', e em muitos cultismos que ocorrem a partir do século XIX, principalmente em cientificismos. O autor observa, ainda, que, além de usado em cultismos, tal elemento também é empregado na química, como

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UCB e Professora da rede municipal de ensino (Rio de Janeiro).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Professor Associado do Departamento de Letras Vernáculas (UFRJ).

Patricia Affonso de Oliveira e Carlos Alexandre Gonçalves

'homocistina' e 'homocisteína', entre tantos outros, manifestando sempre o significado de "igual a ou semelhante".

Atualmente, os formativos eco- e homo- vêm sendo amplamente utilizados para formar novas palavras, mas não mais com o significado que encontramos no dicionário etimológico: eco- aparece associado aos significados de "verde" e "reciclagem", típicos de palavras como 'ecologia' e 'ecológico', e homo-, ao significado de "gay", numa clara referência à palavra 'homossexual'. Desse modo, adquirem significado mais especializado, distinto do significado etimológico encontrado nos chamados internacionalismos<sup>3</sup>. Esses formativos adquirem o significado de todo o composto de onde se desprenderam e se juntam a outras bases, formando novas palavras no atual estágio da língua. A esse processo damos o nome de recomposição. Há, na literatura sobre o português, poucos trabalhos destinados ao processo de recomposição e nos basearemos nos poucos autores que abordam o assunto, como Belchor (neste volume), Cano (1998), Ferreira (neste volume), Gonçalves (2011a e 2011b), Monteiro (2002) e alguns gramáticos tradicionais, como Cunha & Cintra (2001).

O principal objetivo deste trabalho é examinar a estrutura das palavras recompostas, considerado, para tanto, o estatuto morfossemântico dos elementos constitutivos, com vistas a responder as seguintes questões:

- a) O processo de recomposição é um tipo de composição, derivação ou um processo de formação à parte?
- b) As formas eco- e homo- têm o mesmo comportamento que no grego, em língua portuguesa contemporânea?
- c) Os formativos utilizados na recomposição são prefixos, radicais ou formam uma categoria à parte?

Os dados que compõem o *corpus* utilizado na pesquisa foram coletados no site de busca *Google*, no site *todasaspalavras.com*, no

---

<sup>3</sup> Internacionalismo, na visão de Ralli (2010: 03), é um termo usado como "descrição pragmática de palavras morfofonologicamente semelhantes em diferentes línguas, que, formadas com elementos do grego e do latim, expressam o mesmo conceito".

O processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural

*dicionarioinformal.com* e no Dicionário eletrônico Houaiss (2009). São ao todo 76 dados. Vale ressaltar que este trabalho constitui análise preliminar do assunto e, portanto, não pretende esgotar a questão.

O artigo é estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar, definimos o fenômeno da recomposição e fazemos uma breve revisão da literatura sobre o fenômeno. Logo após, procedemos à análise morfossemântica dos formativos *eco-* e *homo-* com base nos dados coletados. Por fim, concluímos o texto, destacando os primeiros resultados da pesquisa.

## 1. Revisão da literatura

Há poucos autores que analisam o processo de recomposição na língua portuguesa, mas, a partir do levantamento dos dados e da leitura de Belchor (neste volume), Ferreira (neste volume) e Gonçalves (2011a; 2011b), podemos afirmar que o processo é bastante produtivo no atual estágio da língua.

Cunha & Cintra (2001) não fazem referência ao formativo *eco-*, mas mencionam o constituinte *homo-*, afirmando ser um radical erudito do grego que significa “semelhante” e forma compostos eruditos filosóficos, literários, técnicos e científicos. Para os autores, *homo-* serve geralmente de primeiro elemento da composição, como em ‘homófono’ e ‘homônimo’. Os autores fazem, ainda, uma análise das diferenças entre radicais eruditos e pseudoprefixos. Nessa direção, afirmam que os pseudoprefixos têm um comportamento diferente dos radicais eruditos, pois, apesar de adquirirem sentido especial nas línguas modernas, ainda se empregam com o valor originário em numerosos compostos. Para os autores, os radicais que adquiriram sentido especial e assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se pseudoprefixos. Estes se distinguem dos radicais por apresentar deriva semântica, que se evidencia quando processada a “decomposição”: os elementos ingressam em outras formações com sentido diverso do etimológico. Os gramáticos acreditam que a deriva semântica desses elementos decorre de um processo denominado recomposição por André

Martinet, já que não se identificam com o processo de composição e tampouco com o de derivação.

Monteiro (2002: 191) classifica a recomposição como uma espécie de composição, mas atenta para uma diferença específica: *“trata-se de um mecanismo formador de novas palavras em que apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição”*. O autor traz exemplos com auto-, proveniente de ‘automóvel’, que, ao se unir a outras bases, forma, por exemplo, ‘autódromo’, que constitui uma recomposição por atualizar o significado “lugar de corrida para carros”. Assim, ainda segundo Monteiro, a formação ‘autódromo’ se relaciona semanticamente com ‘automóvel’, e não apenas com o elemento grego (auto-) que aparece em outros exemplos, como em ‘auto-retrato’ e ‘autodidata’, veiculando a idéia “de/por si próprio”. O autor analisa não só as novas formações com auto-, mas também as novas formações com tele-, que, segundo ele, também passam pelo mesmo processo: ‘telefone’, ‘televisão’ e ‘teleguiar’ não são itens recompostos, uma vez que cada componente vale por si, mas em ‘telenovela’, *“tele – significa ‘televisão’, o que já é bastante diferente”* (MONTEIRO, 2002: 192). O autor conclui que auto- (‘automóvel’), tele- (‘televisão’) e foto- (‘fotografia’) são bases que formam itens recompostos.

Cano (1998) faz uma diferenciação entre os formativos. Para a autora, existem termos técnico-científicos – em sua maioria, desconhecidos dos falantes – que são unidades léxicas utilizadas em um domínio de especialidade empregadas em situações de comunicação somente pelos especialistas. Tais termos podem migrar para a língua geral, principalmente através dos meios de comunicação em massa. Esse movimento de um termo científico para a língua geral pode resultar em mudança ou extensão de sentido, ocorrendo o que Cano (*op. cit.*) denomina de “vulgarização lexical”. Para a autora, quando o termo passa para a língua geral, pode adquirir vários outros significados que se juntam ao significado original ou o substituem. Segundo ela, foi exatamente isso que ocorreu com os elementos eruditos auto-, eletro- e tele-, entre outros. A autora faz uma análise do formativo tele- e afirma que este passou a funcionar como

O processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no português brasileiro:  
compressão semântica e análise estrutural

pseudoprefixo, já que tele- *"não exerce a função de preposição nem de advérbio próprias do prefixo e também não se enquadra entre os radicais em razão da deriva semântica e da alta produtividade"* (CANO, 1998: 10).

A própria autora reconhece que *"uma das dificuldades de adotar o conceito de 'pseudoprefixos' consiste em decidir onde integrar unidades como 'teledependência': se na derivação ou na composição"* (CANO, 1998: 10), acrescentando, ainda, que há elementos situados à margem de qualquer classificação, como, por exemplo, auto-, eletro-, foto- e tele-. Cano (*op. cit.*), ao terminar sua análise, conclui que tele- passou pelo processo de vulgarização lexical, entrando na língua comum não com o sentido original, mas com uma nova acepção: *"através da televisão"*, como, por exemplo, 'telespectador', que, através da deriva semântica, adquire novo significado. A autora afirma que atualmente, além do sentido de *"pela televisão"*, estão aparecendo novas formações com mais um sentido especializado: *"pelo telefone"*, como, por exemplo, 'telessaque', 'tele-entrega', 'telemor' e 'telecheque', formas em que *'tele-' "também pode ser simplesmente a abreviação de telecomunicação, sobretudo quando o termo se refere às companhias estatais de telecomunicação: telebrasil, telepará, telesp, telemig, teleceará"* (CANO, 1998: 16), ou seja, no português brasileiro, o formativo 'tele-' pode significar *"pela televisão"*, *"pelo telefone"* ou *"telecomunicação"*, além do sentido etimológico *"à distância"*.

Belchor (neste volume) descreve o processo de recomposição a partir dos elementos auto- e moto-, que, para a autora, são formativos truncados de 'automóvel' e 'motocicleta', respectivamente. Belchor (*op. cit.*) acredita que, nos itens lexicais recompostos, as sequências encurtadas integram o significado da base e exemplifica com 'auto-escola', palavra em que a porção auto- significa *"automóvel"* e não *"por si próprio"*; tem-se, então, nesse caso, um vocábulo formado pelo processo de recomposição, uma vez que uma das bases consiste no *"encurtamento de uma palavra matriz e não um radical isolado"*. A autora não discute o *status* morfológico dos referidos formativos, mas acredita que auto- e moto- vêm se adquirindo estatuto de prefixos por causa da alta produtividade

Patricia Affonso de Oliveira e Carlos Alexandre Gonçalves

que apresentam na língua portuguesa contemporânea. Para Belchor (*op. cit.*), o fenômeno de recomposição envolve o encurtamento de uma palavra matriz (auto/ móvel), encurtamento esse que assume o significado do todo, mas “o truncamento consiste apenas em parte do processo, uma vez que, as seqüências encurtadas não funcionam como unidades lexicais autônomas”. Desse modo, continua a autora, “a base dos itens recompostos é uma seqüência truncada que se caracteriza por ser presa, enquanto os produtos gerados pelo processo de truncamento que não integram posterior recomposição atuam como formas livres na língua”, como as formas truncadas ‘odonto’ e ‘ultra’. A autora afirma que ‘moto’ funciona como unidade lexical autônoma, mas ‘auto’ tem pouca chance de ser empregado sozinho na língua.

Ferreira (neste volume) define a recomposição como “uma formação resultante de dois processos morfológicos em que primeiramente o falante reduz uma dada forma linguística que, por sua vez, passará a funcionar ‘representando’ a palavra da qual era parte”. Ferreira discorda da definição de Belchor (*op. cit.*), pois acredita não existir um processo de truncamento como condição para a formação de recompostos. Explica que, no caso do truncamento, as formas reduzidas “funcionam” livremente na língua. Para comprovar sua afirmação, exemplifica com itens na esteira de ‘refri’ (<< ‘refrigerante’), ‘Fla’ (<< ‘Flamengo’) e ‘Flu’ (<< ‘Fluminense’) que, para ela, funcionam como palavras autônomas na língua e são verdadeiros casos de truncamento. A autora afirma que, nos casos de recomposição, as formas reduzidas só aparecem ligadas à outra unidade lexical, não sendo “possível usarmos livremente na língua a forma “tele-” para falar de telefone ou televisão, por exemplo, sendo, portanto, as sentenças seguintes agramaticais: \*Passei meu tele para a Janete me ligar à noite e \*Vou assistir a uma tele para me *distrain*”. Ao analisar o formativo tele-, Ferreira o descreve como um elemento produtivo que se assemelha a um prefixo, já que expressa uma ideia específica e recorrente, não alterando a classe da palavra a que se adjuge.

Gonçalves (2011a: 7) define a recomposição como “o mecanismo pelo qual se cria um composto a partir de um truncamento de outro”. Para o autor,

O processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no português brasileiro:  
compressão semântica e análise estrutural

a recomposição é “*um processo em que a parte truncada adquire o significado de todo o composto da base de onde se desprende*” e que “*nas novas formações, entretanto, a base, numa espécie de metonímia formal, remete à aceção do composto que lhe deu origem, afastando-se, com isso, de seu significado original*” (GONÇALVES, 2011a: 7-8). O autor acredita que o comportamento dos itens recompostos não constitui caso prototípico de composição nem de derivação, pois, para ele, há itens que passam pelo processo de mudança morfológica e “*esse parece ser o caso dos itens formados pelo processo de recomposição*” (p. 8). Acrescenta, ainda, que a recomposição é um tipo de operação difusa: recomposições como ‘ecoturismo’ e ‘auto-esporte’ exibem tanto características da composição quanto da derivação. A recomposição, portanto, estaria nos limites entre a derivação e a composição, ou seja, seria um dos processos morfológicos que transitam no *continuum* morfológico que propõe, com base em Bauer (2005), Kastovsky (2009) e Ten Hacken (1994), entre outros.

Gonçalves, em outro artigo, afirma que, na recomposição, “*parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a forma com livre-curso na língua*” (GONÇALVES, 2011b: 09), incluindo o formativo *eco-* entre os que participam desse processo. O autor explica que o comportamento multifuncional dos elementos neoclássicos pode dificultar a classificação dos compostos neoclássicos em uma categoria própria (página 08). Para Gonçalves (2011b), os elementos de primeira posição, como é o caso de *eco-* e *homo-*, quando combinados com palavras, aparecem em estruturas de recomposição. Por exemplo, o formativo *homo-* passa pelo processo de *clipping*<sup>4</sup> e é utilizado sozinho em referência a todo o composto de onde foi extraído, adquirindo, com isso, estatuto de palavra, como, por exemplo, em ‘tenho um irmão *homo*’ e ‘Meus melhores amigos são *homos*’. Apesar da equivalência a um item lexical pelo processo de *clipping*, elementos como *homo-* podem se envolver em novas

---

<sup>4</sup> Truncamento (do inglês *clipping*), segundo Gonçalves (2010a), é o processo pelo qual formas sofrem encurtamento, a exemplo de ‘refrigerante’, cuja forma encurtada é ‘refri’.

Patricia Affonso de Oliveira e Carlos Alexandre Gonçalves

formações recompostas, caracterizando o que se denomina de compactação (zipagem), termo que corresponde ao inglês *secretion*, primeiramente encontrado em Jespersen (1925):

*“A parte (truncamento), numa relação de metonímia formal, adquire o significado do todo (composto original) e atualiza esse conteúdo especializado, já bastante diferenciado do etimológico, na combinação com palavras. É o que acontece, por exemplo, como foto-, de ‘fotografia’, em formações como ‘foto-montagem’ e ‘foto-novela’. Nessas construções, foto- é utilizada em referência a ‘fotografia’, não atualizando a acepção primeira de “luz”, “radiação magnética”. Recomposições bastante usuais no português contemporâneo se utilizam formativos como tele-, de ‘televisão’ ou ‘telefone’, auto-, de ‘automóvel’, moto-, de ‘motocicleta’, e eco-, de ‘ecologia/ecológico’.” (GONÇALVES, 2011b: 16).*

O autor acredita que também estão passando pelo processo de recomposição elementos como *aero-* e *agro-*, que estão adquirindo o significado de “avião” e “agricultura”, respectivamente. No caso de *homo-*, cita exemplos como ‘homoafetivo’ e ‘homoperseguidor’, em que significado que se atualiza não é o de “semelhante”, já que ‘homoafetivo’ *‘não rotula a união de quaisquer iguais, mas o relacionamento afetivo entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, entre homossexuais’*; do mesmo modo ‘homoperseguidor’ *nomeia aquele que persegue homossexuais’* (GONÇALVES, 2011b: 16).

## **2. Recomposição: que fenômeno é esse, afinal?**

A recomposição é o processo pelo qual há encurtamento de uma palavra, outrora um composto neoclássico, em que o arqueoconstituente, nos termos de Corbin (2000), adquire o significado do composto erudito com maior frequência de *token* ou vinculado a um referente com alta relevância cultural. Esse radical se junta a uma forma livre da língua, formando nova palavra, agora menos formal por evocação a uma palavra tomada como modelo.



O processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no português brasileiro:  
compressão semântica e análise estrutural

Devemos entender que o radical encurtado não preserva o sentido etimológico da forma-gatilho de onde se desprende. Na verdade, a forma encurtada é metonímia do composto e tem características peculiares. Alguns formativos são elementos que se comportam mais como prefixos, por não funcionarem sozinhos, sendo unidades efetivamente presas; este parece ser o caso de *tele-*, *auto-* e *eco-*. No entanto, há outras que se parecem menos com prefixos, já que podem ser utilizadas como unidades lexicais autônomas na língua, pelo processo de *clipping*, e funcionam como verdadeiros radicais, ou melhor, comportam-se como palavras na língua, como é o caso de *homo-* e *moto-*. Acreditamos, então, que, no processo de recomposição, funcionam como formativos dois tipos diferentes de elementos morfológicos: (a) os que são presos, comportando-se mais como prefixos e (b) os que são livres e se assemelham mais a radicais.

### 3. Aspectos morfossemânticos dos formativos *eco-* e *homo-*

Nesta seção, fazemos uma análise preliminar dos formativos *eco-* e *homo-*, verificando, para tanto, os aspectos morfológicos e semânticos envolvidos nas novas formações.

#### 3.1 O formativo *eco-*

Quanto à formação de itens lexicais recompostos, podemos afirmar que *eco-* hoje se comporta mais como prefixo, adjungindo-se a formas de livre curso na língua e formando novas palavras em série. A forma de base reanalisada foi, sem dúvida alguma, 'ecologia', termo criado em 1866 pelo biólogo e zoólogo alemão Ernst Haeckel, um dos maiores discípulos de Charles Darwin. O item lexical 'ecologia' é originalmente estruturado em função de duas palavras gregas: 'oikos' ("casa") e 'logia' ("ciência"). Associado ao meio ambiente, refere-se a ele como a "casa/*habitat* dos seres vivos".

De acordo com o *Wikipedia*, a ecologia só ficou popular em 1967, quando o petroleiro Torrey Cântion sofreu um acidente na França e causou um grande

Patricia Affonso de Oliveira e Carlos Alexandre Gonçalves

problema ambiental. Foi em função desse evento que a BBC publicou que o governo da Inglaterra desenvolveria um plano *"para investir em recursos alternativos para geração de energia em países em desenvolvimento com dinheiro coletado cada vez que um ministro ou servidor público civil britânico viaja de avião a trabalho"*. Dada a alta relevância das questões ambientais nos últimos tempos, eco- passa a designar "ecológico" nas novas formações, numa clara alusão a essa palavra.

Do ponto de vista formal, podemos considerar que eco- equivale mais a um prefixo porque este (a) não altera a classe das palavras a que se liga, (b) é bastante produtivo nos dias de hoje, e, além disso, (c) é uma forma, que, sozinha, não funciona como palavra e (d) fixou-se na margem esquerda nas estruturas morfológicas do português. Observamos que as novas construções (não dicionarizadas) se unem a bases livres, como em 'ecoatitude' ("atitude ecológica") e 'ecopicaretá' ("pessoa desonesta que desvia verbas públicas destinadas ao tratamento de questões ambientais"). Além disso, eco- funciona como determinante do termo recomposto: em 'ecoterrorista', eco- é modificador do nome 'terrorista', que designa ("pessoa que faz terrorismo sobre as questões ambientais"). Podemos afirmar que há um padrão relacionado à posição da cabeça lexical nos recompostos: DT-DM (determinante-determinado). Nesse padrão, a cabeça lexical está à direita e o formativo eco- sempre ocupa a primeira posição em todos os dados coletados.

Em relação à tonicidade, nos recompostos com eco-, a sílaba que porta acento nuclear coincide com a sílaba tônica do núcleo à direita. A tonicidade do elemento à esquerda (não-cabeça) é mantida, porém como acento secundário: 'ecodiversidade', 'eco-taxa', 'eco-casa'. Evidência da manutenção do acento é a preservação da abertura vocálica da média anterior, sempre realizada como [ɛ].

Quanto ao polo significado, podemos afirmar que eco-, que, em sua acepção etimológica, significava "casa, *habitat*" (HOUAISS, 2009), adquiriu novos significados: "verde" ("ecológico") e "reciclagem", como atestam os exemplos em (01), a seguir:

O processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no português brasileiro:  
compressão semântica e análise estrutural

(01)	ecorrenovação	ecoterapia	ecotransporte
	ecovia	ecoturismo	ecosustentabilidade
	ccoresort	ecoconsciência	ecocasa

Esses novos usos se originaram das palavras 'ecologia' e 'ecológico'. Temos, assim, itens recompostos que expressam o significado de "verde", como é o caso de 'eco-atitude', que significa "atitude ou comportamento que respeita as regras de preservação ambiental ou ecológica", e 'ecodiversidade', que significa "diversidade ecológica". Embora em menor proporção, as formas eco-X manifestam o significado "reciclagem", como, por exemplo, 'ecossustentável', que significa "feito de produtos reciclados" ou "constituído com produtos que diminuem o impacto ambiental, beneficiando a natureza".

### 3.2 O formativo *homo-*

O formativo *homo-* difere um pouco de *eco-* no que diz respeito ao seu estatuto morfológico. Ambos são usados no processo de recomposição, mas, diferentemente de *eco-*, mais semelhante a um prefixo, *homo-* parece equivaler a um radical, pois pode ser usado como palavra na língua, do mesmo modo que *moto-*: 'Hoje meu primo, aquele que é homo, me dará uma carona de moto até em casa'. Nesse exemplo, 'homo' e 'moto' funcionam como palavras, ou seja, são formas com estatuto nominal, admitindo, inclusive, flexão de número:

(02) A justiça está fazendo valer os direitos dos homos.

Ainda em relação ao aspecto formal, podemos afirmar que as formas recompostas com *homo-* geralmente têm como elementos de segunda posição bases de livre curso na língua, como em 'homoestimulante', "estimulante utilizado nas relações homossexuais". Em relação à cabeça lexical, o mesmo padrão encontrado em *eco-* vale para *homo-*: a relação padrão é DT-DM (determinante-determinado), estando a cabeça lexical à direita e a base *homo-*, sempre na posição à esquerda, na qualidade de adjunto ou modificador.

Quanto ao aspecto semântico, podemos afirmar que *homo-* apresenta, nas construções morfológicas mais antigas, o significado de "semelhante" ou

Patricia Affonso de Oliveira e Carlos Alexandre Gonçalves

“igual a”. Atualmente, esse radical atualiza o significado “*gay*”, encontrado no composto neoclássico ‘homossexual’, como se observe nos exemplos em (03), a seguir:

(03)	homopolítica	homoconsciência	homodireitos
	homoinquisição	homodeputado	homoatleta
	homoperseguidor	homoafetivo	homocomportamento

Nas novas formações com homo-, o sentido primeiro não é atualizado, mas o de “*gay*”, decorrente da alta relevância que o termo ‘homossexual’ adquiriu nos últimos anos, em decorrência dos direitos que os homossexuais vêm conquistando nas sociedades modernas. Assim, em ‘homoafetividade’, temos como significado “relação de afetividade entre homossexuais” e no recomposto ‘homofóbico’, o significado “aversão a homossexuais”.

### Palavras finais

Concluimos este trabalho reforçando que o processo de recomposição seleciona como formativos para figurar à esquerda tanto formas presas, como é o caso de eco-, auto- e tele-, que se assemelham mais a prefixos, quanto itens autônomos, como moto- e homo-, que podem se atualizar como palavras. Isso evidencia que a recomposição é um mecanismo de ampliação lexical que transita nas fronteiras entre composição e derivação. O diferente estatuto do determinante (elemento de primeira posição, nos recompostos) por si só já justifica a proposta de *continuum* entre os dois principais processos de formação de palavras, a exemplo do que é idealizado por Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011a).

Além disso, uma classificação clássica de modo algum daria conta da diversidade de elementos genericamente denominados de afixoides. Uma categorização baseada em protótipos, por sua vez, mostra-se mais adequada, uma vez que, como pretendemos demonstrar neste texto:

O processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no português brasileiro:  
compressão semântica e análise estrutural

- (a) as categorias morfológicas não têm fronteiras claramente definidas e podem mudar;
- (b) nem todos os membros de uma classe morfológica têm idêntico estatuto: alguns são mais centrais e outros, mais periféricos; e
- (c) há condições de pertença: alguns formativos permitem variados graus de pertença, definidos com base na relação de semelhança com o protótipo, ou seja, com o melhor exemplar que define essa categoria (TAYLOR, 1989).

### Referências

- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.
- BELCHOR, A. P. V. O processo de Recomposição no Português do Brasil a Partir de *auto* e *moto*. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, 2011 (neste volume).
- CANO, W. M. O Formativo tele- e suas variantes no português atual do Brasil. *Alfa*, São Paulo, 42: 9-22, 1998.
- CORBIN, D. French (Indo-European: Romance). In: G. Booij, C. Lehmann & J. Mugdan (eds.). *Encyclopédie Internationale de Morphologie*, Article 121, Berlin, Walter de Gruyter, 2000.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- FERREIRA, R. G. Da telepatia ao telejornal: um estudo morfossemântico da Recomposição a partir de Tele. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, 2011 (neste volume) p. 135-153.
- GONÇALVES, C. A. *Composição e derivação: pólos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos*. Comunicação apresentada no I CIEL (Congresso Internacional de Estudos do Léxico). Salvador: UFBA, 2011a.
- GONÇALVES, C. A. *Compostos Neoclássicos: estrutura e formação*. Comunicação apresentada no I Congresso Brasileiro de Morfologia. Porto Alegre, UFRGS, 2011b.

HOUAISS. *Dicionário Digital da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESPERSEN, O. *Die Sprache, Ihre Natur, Entwicklung und Entstehung*. Heidelberg: Carl Winters Universitaetsbuchhandlung. 1925.

KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. *et al.* (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.

RALLI, Angela. Compounding versus derivation. In: Scalise, S. & Vogel, I. (eds.) *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 4ª edição, Campinas: Pontes, 2002.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization*. Oxford: Oxford University Press, 1989

ten HACKEN, Pius. *Defining Morphology: a principled approach to determining the boundaries of compounding, derivation, and inflection*. Hildesheim: Olms, 1994.

**ABSTRACT:** *In this paper, We study the morphological elements eco- and homo- in Brazilian Portuguese, based on the continuum derivation-compounding formulated by Kastovsky (2009). We assume that eco- and homo- form new words nowadays by secretion of the neoclassical compounds 'ecology' and 'homosexual', respectively.*

**KEY-WORDS:** *Secretion; Word formation; Semantic change.*